

## **BENEDITO DOS SANTOS LIMA NETO**

### **1. Por que escolheu a química?**

A química em si vem desde o meu ensino médio, que na minha época era científico. E eu gostava muito, me identifiquei realmente com a química, dentro da minha escola, era uma escola pública, mas ela tinha ainda um pouco de laboratório, muito dos experimentos eram demonstrativos. E tinha um professor, digamos assim um pouco Sênior, mas ele gostava muito da profissão, ele transferia um conhecimento muito apropriado, incentivador e estimulante. E isso me trouxe muito essa vontade de continuar em química. E na ocasião, era minha ignorância não saber que existia o curso de bacharelado. Aí eu pensei em fazer engenharia química, para mim química era engenharia química. E na ocasião, eu queria ir para São Paulo. Eu sou do interior do Piauí, no delta do Parnaíba, eu cheguei em Ribeirão Preto em 75 e na ocasião, quando eu comecei essa minha paixão pela química, eu pensei em ir para São Paulo fazer engenharia química, que é ignorância minha também. Por exemplo, não tinha UNESP para mim, não tinha São Carlos, era São Paulo. E minha mãe disse "de jeito nenhum, como você vai viver lá?", uma questão socioeconômica. E naquela ocasião, eu também não tinha conhecimento que a Universidade de São Paulo em particular, as universidades estaduais paulistas e outras universidades federais no país oferecem inúmeras oportunidades de convivência social, que são as moradias estudantis. Hoje existem muitos benefícios para os estudantes que não tem uma aquisição econômica diferenciada, com possibilidades mais restritas. Então, minha mãe me negou, ela disse para eu sossegar aqui, aí que eu fui atrás dos vestibulares que tinham química em Ribeirão Preto, onde eu estava residindo. Então, eu prestei química em Ribeirão Preto sem saber direito, o que era bacharelado. E no nosso curso lá em Ribeirão Preto, você entrava em licenciatura e bacharelado ao mesmo tempo e você tinha a opção de depois trancar um dos dois, cursar só licenciatura ou só bacharelado, mas a turma normalmente seguia os dois, então minha trajetória foi essa. Aí que eu me identifiquei muito com a química em si, enquanto ao desenvolvimento de pesquisa, busquei a pós graduação e fui parar em São Carlos.

### **2. Qual foi a sua trajetória?**

O meu mundo foi Ribeirão Preto no início, como eu falei, na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, a nossa querida e velha "Filô", que a filosofia tem uma característica

muito importante, que eu gosto muito de transferir para os alunos a experiência e a vivência universitária, não só o curso em si. O curso você vai seguir profissionalmente, mas dentro desse profissionalismo, você tem que ter o convívio social, você precisa desenvolver a integração com as pessoas e conhecer o mundo além de você próprio e além da atividade profissional em si. E a filosofia nos proporcionou bastante isso. O que era interessante é que a faculdade de filosofia, naquela ocasião, tinha outros dois cursos, que era a biologia e a psicologia. Então, a química como ciência exata, ela convivia socialmente sempre com a biologia e a psicologia. Tinha um mundo dinâmico muito interessante. Então, Ribeirão Preto me possibilitou esse convívio social bastante intenso, acho que até mesmo na estruturação dos meus conhecimentos em química, uma relação com a biologia e a psicologia não só no convívio social, mas você refletir muitas coisas, até nas aulas de licenciatura, que eram ministradas pelos professores da psicologia. Aí depois eu comecei a fazer iniciação científica, me identifiquei com a química analítica na ocasião. Me dei muito bem com o grupo de pesquisa, quando o professor José Fernandes de Andrade de Ribeirão Preto, do Departamento de Química, me ofereceu para conhecer a USP em São Paulo, o Instituto de Química de São Paulo, e aqui, São Carlos. E São Carlos me chamou a atenção, porque na ocasião, a gente tinha o nosso Centro de Convivência da Química, o nosso "centrinho", em que promovia a Semana de Química também, e na Semana de Química eu me envolvi muitos anos, nos anos que eu estive lá, e o Professor Luís Alberto Avaca e o Professor Ernesto Rafael Gonzáles deram um curso para a gente sobre eletroquímica e baterias, que é um dos ápices do desenvolvimento deles. E eu gostei muito de São Carlos, quando eles fizeram a lembrança, embora eu não vim trabalhar com eles, mas gostei da apresentação deles, achei interessante aquele momento o Instituto de Química de São Carlos, foi aí que começou a me aproximar de São Carlos. Então, o Professor José Fernandes de Andrade nos trouxe, na ocasião estava eu e o Professor Éder, que era do nosso departamento também, conhecer São Carlos, e a gente conheceu os Professores Douglas Wagner Franco e Gilberto Orivaldo Queres, com quem a gente foi trabalhar depois. Aí a gente fez o mestrado, no caso eu fiz o mestrado com o Professor Douglas e em seguida fiz o doutorado já com a indicação de fazer um doutorado sanduíche. Então, no doutorado, eu passei 2 anos direto na Universidade da Califórnia em Santa Barbara, trabalhando com o Professor Pitterford. E dali começou a nascer também a minha área de atuação em catálise homogênea, que ao retornar ao Brasil continuei a desenvolver. Nessa ocasião

toda aí, do meu doutorado, eu fui contratado já no instituto, naquela época nós tínhamos os concursos de seleção, então eu entrei como mestre, não entrei como doutor na USP. E prestava um concurso, não nos moldes de hoje, mas era um concurso, enfrentei quatro candidatos, eu acho, e eu fui selecionado. Então, eu fui para a Universidade da Califórnia em Santa Barbara já como professor, e retornei, conclui o doutorado e fui estabelecendo linha de pesquisa. Logo depois eu fiz um pós-doutorado na Alemanha, um pós-doutorado curto de 4 meses, e depois um pós-doutorado maior de 12 meses na CALTECH. E isso é minha trilha aí na área de pesquisa junto ao instituto.

### **3. Qual sua contribuição para o IQSC ser o que é hoje?**

Eu acho que toda a dinâmica da minha vida, minha dedicação, eu busquei contribuir o melhor possível. E sou uma pessoa bastante impulsiva em colaborar e participar. Me volta lá nas minhas origens na faculdade de filosofia de Ribeirão Preto, nessa integração. E eu gosto muito de ensinar, gosto muito de dar aula, e principalmente quando os alunos têm um retorno, na pós-graduação também. Na área de pesquisa, eu gosto muito também do que eu estou fazendo. E eu acho que eu terminei dando uma contribuição de uma forma em três vertentes dentro da instituição, que é a parte de ensino, de pesquisa e de extensão. Na extensão, eu trabalhei com o Professor Dr. Douglas Wagner Franco, que foi o meu orientador de pós-graduação, em projetos de desenvolvimento da química da aguardente, que é onde eu tive a oportunidade de participar com muitos produtores de aguardente, participei diretamente da elaboração de regras e estabelecer normas na produção de aguardente. Nós incentivamos a formação de parâmetros nacionais para que fosse viabilizado a produção de uma aguardente ou hoje é conhecido como cachaça ou caninha. Então, eu tive uma participação muito grande nessa parte de extensão. Claro, que o início de todo o processo foi com o Professor Douglas Wagner Franco, a ideia nessa parte foi o Professor Douglas Wagner Franco, ele faria com certeza sem mim, mas eu tive um envolvimento muito grande e eu tive, em muitas ocasiões, de fazer essa participação. Então, minha colaboração junto ao instituto, eu digo que ela tem uma dinâmica muito grande e eu acho que tanto no ensino, nas disciplinas que comecei lá atrás, em instrumental e depois centrado na química inorgânica, não só os teóricos, mas como laboratório, eu sempre procurei me dedicar, sempre aprender e aprimorar meus métodos de ensinar e aproximar os alunos. E na área de pesquisa,

sempre busquei uma pesquisa até diferenciada ou que nós fazemos na área centrada em desenvolvimento de complexos para atuar como catalisadores homogêneos, hoje, particularmente, metátese de olefinas, que somos o único aqui no instituto, somos o único no estado de São Paulo e somos o único no Brasil. Então, colocamos aí de um certo grau numa competitividade internacional, brigando com gente grande nesse desenvolvimento. Então, eu acredito que toda a minha participação junto do instituto, por menor que tenha sido, eu acho que ela teve sempre sua presença. E tem a parte de gestão, que eu sempre participei e busquei participar com intensidade da parte administrativa da instituição. Sempre me dispus a participar de órgãos colegiados e participar da administração direta. Hoje acho que a terceira vez que eu sou chefe do departamento, então eu falo brincando com o pessoal que eu acho que eu não fiz nada de errado para o pessoal querer que eu retornasse.

#### **4. Qual a contribuição do IQSC na pessoa que você se tornou?**

Eu acho que o IQSC tem uma dinâmica muito particular, porque ele sempre primou pelo desenvolvimento de excelência. Eles nos colocam como quase que uma cobrança diária e você tem que estar participando constantemente, aí cabe a você entender o que é excelência. Aquilo é o máximo que você pode oferecer, como você pode colaborar da melhor forma possível, principalmente na formação de pessoal qualificado para o mercado de trabalho. Então eu tenho essa preocupação. E isso empata muito comigo, essa preocupação de que como os alunos vão estar preparados para o mercado de trabalho. Quando eu me formei, eu me perguntei o que eu sabia, aonde eu vou me inserir no mercado. Embora eu estava direcionado para a pós-graduação, eu sempre tinha aquela preocupação. Então, isso aí me traz sempre a memória de oferecer o melhor possível. E isso do ensino, eu generalizo não só em sala de aula, como também na pesquisa, quando eu tenho um desenvolvimento com os alunos, quando eu participo diretamente daquela formação. Aquele dia-a-dia com os alunos na pesquisa, você está ensinando, você está formando. Então o instituto de química tem essa preocupação, não é à toa que dentro desse desenvolvimento, que nós somos uma pós-graduação com conceito máximo junto a CAPES e nosso curso de graduação, ele tem uma conceituação muito apropriada, máxima, dentro do estado de São Paulo e em território nacional. O nosso conjunto de professores termina propiciando que a gente tenha essa contínua preocupação, não só com o ensino de graduação e de pós-graduação e a pesquisa como um todo. Então, nós temos uma

participação coletiva que é comum para essa busca de sempre estar oferecendo o melhor possível de nós mesmos.

### **5. Como você se imagina fora do IQSC?**

Eu entrei no IQSC, como eu te falei em 1988. Então o ano que vem eu estou somando idade mais esses 30 e poucos anos aí, com aquele número de 95 anos que eu posso me aposentar. Essa imagem do que eu faria fora daqui ela é complexa ainda, porque eu não sei imaginar o que eu posso fazer depois, eu posso dizer para você, que eu não vou ser uma pessoa parada. Então, eu tenho muitos sonhos de que se eu tiver que me afastar do instituto, atingindo 75 anos eu tenho que sair pela compulsória, que a gente chama de expulsória. Eu queria intensificar trabalhos, por exemplo junto a escolas públicas, a divulgar a química, a fazer palestras, dedicar a escrita, se for possível, para textos voltados para a educação, que muitas vezes eu não tenho a oportunidade, além de aspectos sociais. Acho que eu tenho muito de poder ajudar o próximo de uma maneira bastante diversa. Eu acho que a nossa sociedade ainda é muito injusta e se o tempo me permitisse, eu estaria fazendo isso já. Não é desculpa que eu estou colocando para você, mas eu, fora do instituto, teria uma programação de vida bastante dinâmica, tanto quanto eu tenho hoje. Eu não estou ainda pensando em me aposentar, mas também se por exemplo fevereiro do ano que vem eu resolver me aposentar, a minha vida vai ser tão dinâmica quanto junto ao instituto de química. Não é que vou ter já uma repulsa ao instituto de química, mas eu acho que os momentos da nossa vida vão sempre sendo ocupados. Eu posso dizer para você que jamais serei um sedentário.

*Entrevista concedida a Igor Augusto Vieira (Bolsista PUB/CCEEx), no dia 20 de abril de 2021, às 16h.*